



Um ano de Cardoso

Alexandre Santos

Comentário sobre o primeiro ano de governo do presidente Fernando Henrique Cardoso.

A tradição da política brasileira ensinou aos espertos que nada melhor para o povo esquecer um escândalo que outro mais recente

Após os primeiros doze meses de governo do presidente Cardoso, chegamos ao fim de 1995. Embora marque o início de uma nova era na história política do país, tendo em vista a reorganização do nosso partido solidarista, 1995 foi um ano terrível, de muitos sofrimentos para o povo brasileiro. De fato, em nome de uma tal "estabilização da moeda", o governo FHC levou o país à uma grande recessão.

Naturalmente, no curso da política de privilégios que pratica, a "Recessão Cardosiana" atingiu os setores populares com maior rigor, justificando a defesa que recebe dos ungidos do poder. Trocando os meios pelos fins, o governo FHC elegeu o Plano Real como peça intocável de sua política econômica, sacrificando o Bem Estar Social, elevando as taxas de desemprego e aumentando o número de falências de pequenas e médias empresas. Na trilha da "modernidade", o governo FHC usa e abusa de meias verdades e de esquecimentos seletivos. Se regozija pelo incremento de 6% em "nossa economia", por exemplo, mais não explica que esse crescimento só beneficiou "os mesmos de sempre" pois, ao povão e à classe média, só coube mais sacrifícios. Alardeia o "sucesso" de um Plano que mantém o povo pobre. As esquinas continuam cheias de mendigos de todas as idades; as favelas urbanas não param de crescer com os novos habitantes oriundos dos campos; a violência explode nas ruas, fazendo com que ninguém se sinta seguro ao ir para o trabalho, fazer compras ou, simplesmente, dar um passeio.

O pior de tudo é que, a depender da sensibilidade social do governo FHC, nada será feito para mudar o rumo da economia concentradora de renda e de privilégios. Afinal de contas, no entender do presidente Cardoso, "seu governo vai bem" e, dessa forma, não vê motivos para promover alterações.

Nesse quadro, que subverte as mais naturais aspirações humanas, a sociedade, incrédula e estarecida com a inação do governo federal, passa a desconfiar de sua própria sanidade. Talvez essa seja a razão do sucesso musical da banda "Mamonas Assassinas".

Alexandre Santos é presidente regional e dirigente nacional do Partido Solidarista Nacional (PSN)
Editorial de O Libertador, nº 27, da 2ª quinzena de Dezembro de 1995.